

Recém descoberto e mal despertado para o mundo este Brasil, e já singravam para cá, através do Oceano Atlântico, aqueles sinistros "tumbeiros", navios pejados de escravos negros...

Dezinas, centenas, milhares, milhões de pretos foram arrastados para o Brasil, até a extinção efetiva do tráfico negreiro, em meados do século passado.

Homens, mulheres, crianças, da Costa da Guiné, da Contra-Costa, do Congo, pretos sudanezes, negros bantus, todos vieram a rilhosados para regar com seu suor forte os canaviais do nordeste, para va-culhar a terra nas Minas Gerais, para a cozinha das jayás bahianas e para a sensualidade dos joys de todo o Brasil.

Mas os negros tinham alma e um coração pulsando dentro do peito. Com seus quitutes, seus costumes, suas línguas, sua temura, trou-xeram seus atabaques e seus deuses...

As religiões negras sobreviveram no Brasil. Comprimidadas na colônia, proibidas no Império, que tinha religião oficial, e frequente-mente perseguidas na república, apesar das garantias de culto consignadas na Constituição. Sobreviveram apesar de tudo.

São os "xangôs" do Nordeste, as "macumbas" do Rio, os "ba-tuques" de Porto Alegre e os candomblés da Bahia. Todos são a mesma cou-sa, com variantes regionais. Mas nenhum é tão rico, tão interessante, tão belo como o candomblé da Bahia.

Em Salvador é frequente ouvir-se, dentro da quietude da noite, quando insetos invisíveis cantam seus psalmos entre árvores sagra-das cobertas de panos, cercadas de velas votivas, é frequente ouvir-se o ritmo frenético dos atabaques africanos cultuando seus deuses. Há festa no terreiro de candomblé! Uma multidão de crentes enche o barracão enga-lanado de bandeirinhas coloridas. Os cânticos seguem, ora em língua de nação Angola ou de nação Kêto. Os orixás vão baixando e as filhas caem no santo... Rugem os atabaques, retine o agogô e chia o caxixí...

Nessa orgia de ritmos, revive a África inteira nas plagas do Brasil, quatro séculos depois da chegada do primeiro ~~negro~~ preto. ~~xxx~~ É o fetichismo do Continente Negro, com os pais de terreiro, as filhas de santo, os terrores primitivos da magia, os mistérios de Oxalá, de Ogum, de Yemanjá e de Omolú... É o despacho com azeite de dendê, é o arroz de Haussá, o caruru e o acerajé.

Foi no terreiro de Candomblé que nasceu o samba, todo cheio de ritmo africano.

É essa Bahia que vamos trazer ao Rio Grande. O candomblé bahiano em Porto Alegre!

Joãozinho da Goméia, seus atabaques e suas filhas de santo vêm aí.

Programa de estúdio, de trinta minutos, e espetáculos tea-trais.

Nas audições de estúdio será revivido descritivamente to-do o ritual fetichico do candomblé bahiano. Ilustrado com o ritmo e embe-lezado pelos cantos do culto negro, dirigidos por Joãozinho da Goméia, o mais famoso e mais popular pai de santo do Brasil. Antes de pai de san-to, Joãozinho da Goméia é dançarino. Já se exibiu no Teatro Municipal do Rio, em números de dança afro-brasileira. Muito devem a Ele Carmem Mيران-da, Bros Volúcia e Anita Ot ro, em passos de macumba! Virão com ele três tocadores de atabaque e três filhas de santo.

No teatro desfilará, tocará, cantará e dançará o candomblé inteiro. Todos vestirão a colorida e típica vestimenta bahiana, especial-mente no que se refere às filhas de santo: torso à cabeça, colares de "guia", pulseiras fartas, bata crivada, pano da Costa, anágua engomada e chinelinha faceira...

Uma completa demonstração do candomblé vivida no palco. Um espetáculo inesquecível, não só pelo ineditismo e pela originalidade, mas pela própria colaboração da platéia, que poderá fazer todas as perguntas, para sociar sua curiosidade em torno da religião fetichica dos negros bra-sileiros.